

De PEDRO DE SOUZA

EFEMERIDES

“Hoje escutei um grito
Não sei o quê
No meio do silêncio de Paris
(é feriado vago)

Ouvi distintamenteu ma rajada
não o escapamento de um motor
Uma metralha e a gordura
do quente odor de uma floresta

Era ainda dia mas o sol
mal filtrava
sobre a vala
E o vermelho do sangue num torso
tismado e amarrado
nuns panos porcos

Não me custou a desfiar
o tecido tempo
engatilhado
que dali daquela estação ia
(pelo tunel do metrô)
à cratera suja e húmida
onde jazia o corpo
que a terra chamava seu

Cheguei-me e pegar em que palavras
para limpar as feridas do nojo
que nenhum ligeiro gesto
podia já
sequer pinçar
a dor com as mãos
os dedos trôpegos sobre as teclas
doloridas da carne abandonada

E o vento que veio depois
deixou algumas folhas por ali
brancas cravejadas de versos
e tintas de sangue seco
nas redobras
dos mapas das nossas guerras
íntimas nódoas
negras
coloniais.”

SOBRE UM S.JORGE E O DRAGÃO, DE RAFAEL

Pedaços dispersos
De uma lança quebrada
Sob o cavaleiro aterrando
O dragão à espada
São sinal
Suspenso na pintura
De outra narrativa

Um pedaço ficando ainda
No ventre infame do monstro
Erecto como um falo

Dois outros no chão
Apontando a liberdade a uma
Princesa a quem fora prometido
O sacrifício de si

Um último na transversal
Branca listada de vermelho
Lança em lapsos de lápis
Esboça ainda um manto
Esvoaçante
De negro alado e o cavalo
Se erguendo alvo

Limes da Capadócia
Pregrinando o cruzado
Mediterrâneo
Mar encapelado
Ermos da Líbia africana
Contra um céu de Flandres

No Louvre gesto suspenso
São Jorge em férreos verdes
Veludo no cartão postal
Que fria funcionária
Acomoda agora num envelope virgem

Da lenda
O sonho o traço as tintas
Raffaello Santi o próprio
Do homem neste tempo
Contemplar
De férteis cinzas